



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Manuela Regina Tecchio

Quem vai comprar esse CD?

RELATÓRIO TÉCNICO
do Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à disciplina de *Projetos Experimentais*
ministrada pelo Prof^o. Fernando Antonio Crocomo
no primeiro semestre de 2016
Orientadora: Prof^a. Flávia Guidotti

**Florianópolis
Julho de 2016**

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2016.1		
ALUNA	Manuela Regina Tecchio		
TÍTULO	Quem vai comprar esse CD?		
ORIENTADORA	Flávia Guidotti		
MÍDIA	<input type="checkbox"/>	Impresso	
	<input type="checkbox"/>	Rádio	
	<input checked="" type="checkbox"/>	TV/Vídeo	
	<input type="checkbox"/>	Foto	
	<input type="checkbox"/>	Web site	
	<input type="checkbox"/>	Multimídia	
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica	
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional	
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:
	<input type="checkbox"/>	Reportagem livro-reportagem ()	() Florianópolis () Santa Catarina () Região Sul (X) Brasil () Internacional País: _____
ÁREAS	Documentário; Música; Internet; Novas Mídias; Indústria Cultural.		
RESUMO	<p>Documentário em vídeo acerca da trajetória dos novos artistas independentes da música brasileira, que desenvolvem e distribuem seu trabalho por meio da internet e de suas plataformas. Através do depoimento de seis artistas, o vídeo problematiza as transformações que a era digital provocou no cenário da música brasileira, não apenas no que se refere à produção e distribuição, mas também na estética. O principal objetivo é mostrar as possibilidades que a internet proporciona para os músicos, que agora têm mais liberdade para criar e mais independência para distribuir seu trabalho. São abordados aspectos como: o crescimento das empresas que oferecem serviços de <i>streaming</i> e os impactos disto na indústria fonográfica; o espaço que a internet abriu para o ativismo político; um comparativo entre a tradicional indústria fonográfica e os novos formatos de venda de produtos culturais na web; além de um breve panorama avaliando as diferenças existentes entre o mercado de músicas na web no Brasil e nos Estados Unidos.</p>		

RESUMO

Documentário em vídeo acerca da trajetória dos novos artistas independentes da música brasileira, que desenvolvem e distribuem seu trabalho por meio da internet e de suas plataformas. Através do depoimento de seis artistas, o vídeo problematiza as transformações que a era digital provocou no cenário da música brasileira, não apenas no que se refere à produção e distribuição, mas também na estética. O principal objetivo do documentário é mostrar as possibilidades que a internet proporciona para os músicos, que agora têm mais liberdade para criar e mais independência para distribuir e vender o seu trabalho. São abordados aspectos como: o crescimento das empresas que oferecem serviços de *streaming* e os impactos disto na indústria fonográfica; o espaço que a internet abriu para o ativismo político; as mudanças estéticas decorrentes deste novo contexto; entre outras discussões. Através da história de alguns artistas, mostramos que existem diferentes formas de sair do anonimato na internet. O vídeo traz ainda um comparativo entre a tradicional indústria fonográfica — e a lógica das gravadoras, produtoras, distribuidoras — e os novos formatos de venda de produtos culturais na web. Além disso há um brevemente panorama avaliando as diferenças existentes entre o mercado de músicas na web no Brasil e nos Estados Unidos — país pioneiro na exploração financeira da música através da internet.

Palavras-chave: Documentário; Música; Internet; Novas Mídias; Indústria Cultural.

SUMÁRIO

1 CONTEXTO	5
2 JUSTIFICATIVAS	14
2.1 Justificativa da escolha da temática.....	14
2.2 Justificativa da escolha do formato	15
3 PROCESSO DE PRODUÇÃO	19
3.1 Pesquisa e pré-produção.....	19
3.2 Fontes	20
3.3 Gravações.....	22
3.4 Montagem e edição	24
4 RECURSOS.....	26
5 PLATAFORMA DE DIVULGAÇÃO	27
6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	28
REFERÊNCIAS	29
ANEXO – ROTEIRO	30

1 CONTEXTO

As discussões a respeito da música como mercadoria iniciaram no final do século XIX, com o surgimento do rádio e, conseqüentemente, com a possibilidade de apreciação de músicas sem a necessidade da presença física nos locais onde os artistas tocavam. A grande limitação da época residia no fato de as pessoas estarem presas aos horários dos programas radiofônicos.

Na década de 40 surge o disco de vinil e com ele a possibilidade do consumo da música no local e no tempo desejados. A partir daquele momento começa a estabelecer-se um modelo de comércio musical que permaneceu até o final do século XX, centrado em grandes gravadoras responsáveis não apenas por produzir todo o material musical dos artistas, mas também pela distribuição e comercialização dos álbuns. Leão e Nakano (2009) salientam que em meados da década de 1950 a indústria fonográfica já estava bem consolidada e utilizava um modelo de negócios bastante centralizador, ou seja, as grandes gravadoras e produtoras eram as responsáveis por todas as etapas do processo comercial da música, desde a busca por novos artistas, passando pela gravação, distribuição, divulgação, até a comercialização.

O surgimento da fita cassete, em 1963, também constituiu-se num marco importante na comercialização de músicas, pois além de possibilitar a gravação de músicas das rádios ou dos LPs, este suporte também viabilizou as gravações caseiras, realizadas por músicos pouco

famosos e influentes, de forma independente, sem o auxílio das grandes produtoras, embora muitas vezes a qualidade deixasse a desejar e a distribuição fosse em pequena escala.

Gomes *et al.* (2015) salienta que as fitas cassete tiveram o seu auge nas décadas de 1980 e 1990, sobretudo após a invenção do *Walkman*, desenvolvido pela Sony. A música passava, naquela época, a ser também portátil e um objeto de consumo cada vez mais desejado.

O CD's, surgidos nos anos 1980, tiveram seu auge no Brasil na década de 1990 e traziam possibilidades semelhantes às das fitas cassete, porém com melhor qualidade. Além disso, comparado com o LP, o CD era uma mídia bem mais acessível de ser produzida e possibilitou que os consumidores pudessem adquirir os álbuns de seus artistas preferidos a um preço bem mais baixo.

Até o surgimento do CD pouca coisa mudava na lógica dominante do mercado musical. A grande reviravolta acontece no final do século XX e início do século XXI, como salienta Gomes *et al.*,

Com a internet, a música ultrapassa os limites físicos da mídia, mergulhando no universo digital. Surge um novo formato chamado MP3, no qual a música passa a circular livremente pela rede mundial de computadores. A pirataria de faixas e álbuns musicais torna-se viral, mesmo com a existência de sites especializados na venda de música online. Já o consumo agora é personalizado. As pessoas tem a oportunidade de escolher entre fazer o *download* de conteúdo legalizado ou ilegal, obter o álbum inteiro de um artista ou somente as faixas de que gosta. (GOMES *et al.*, 2009, p. 4)

Esta nova forma de consumo, o *download* gratuito da música, traz uma série de controvérsias, principalmente porque muitas pessoas não pagam pela música que consomem e, portanto, os artistas e as

gravadoras deixam de ganhar com seus produtos. Na tentativa de driblar a crise, a indústria fonográfica propõe hoje novos formatos de consumo, de forma legalizada, onde os usuários pagam uma mensalidade e podem acessar um conteúdo armazenado em uma nuvem: o *Streaming*¹. Existem também muitos modelos de serviços de *streaming* em que o usuário acessa o conteúdo de forma gratuita. Nestes casos, o sustento da plataforma se dá através da publicidade.

A grande vantagem do *streaming* é a possibilidade de escolha dentro de um catálogo vasto, que abrange desde artistas mais comerciais, que são produzidos pelas grandes gravadoras, até os pouco conhecidos, que gravam suas músicas de forma independente.

Se antes encontrar músicas de um artista pouco conhecido era difícil porque não havia CD dele na loja física, na internet os artistas independentes ganhavam espaço e reconhecimento. (GOMES *et al.*, 2009, p. 4)

Os artistas que foram entrevistados para o documentário “Quem vai comprar esse CD?” fazem parte dessa última geração, que se lança individualmente no mercado, sem o auxílio das grandes produtoras.

Desde o surgimento da internet e da crescente popularização das redes sociais o compartilhamento de informação e entretenimento

¹ *Streaming* consiste em um formato de distribuição de conteúdos através da internet, no qual as informações são armazenadas em uma nuvem. Este serviço permite que os usuários, mediante uma pagamento normalmente mensal, possam acessar esses dados sem que seja necessário o armazenamento dos mesmos no HD de seu computador. O *streaming* é uma serviço legal, ou seja, os usuários acessam conteúdos protegidos por direitos autorais sem violar esses direitos. Os principais exemplos de serviços *streaming* disponíveis no Brasil são o *Netflix* e o *Spotify*.

tem se tornado uma prática cada vez mais usual. Hoje a internet já está consolidada como um dos principais meios de acesso aos mais variados produtos culturais, como os filmes e as músicas. Neste cenário algumas questões merecem uma atenção especial, entre elas está a importância em problematizar o acesso a esses produtos culturais e as mudanças decorrentes dessas novas configurações.

Quando se trata de música podemos observar que o cenário anterior ao surgimento da internet apresentava problemas para os artistas dessa área porque, a partir do momento em que a música começou a ser encarada como produto, os artistas tornaram-se, salvo raras exceções, reféns das gravadoras e do sistema de vendas que elas estabeleciam. Toda a agenda de shows, a porcentagem nos lucros e até o estilo artístico eram determinados, até pouco tempo atrás, por essas empresas. Com o surgimento da internet, novas ferramentas começaram a ser utilizadas, tornando o ato de compor e de distribuir músicas muito mais livre e independente. As novas possibilidades suscitadas pela internet, porém, acabaram originando não apenas novas configurações no mercado da música, mas também gerando um paradoxo: se de um lado os artistas podem ser mais independentes por não estarem presos à lógica das grandes gravadoras; por outro a internet ainda não possui um modelo de negócio que ofereça um lucro justo para os artistas, permitindo que sobrevivam da venda de suas músicas.

A indústria fonográfica sofreu um grande impacto com a pirataria a partir do início dos anos 2000. Alternativas como o *streaming* apareceram como possíveis soluções para o mercado musical. A possibilidade de ouvir músicas sem ter que armazenar o arquivo no próprio

computador ou em outros suportes, como o CD, por exemplo, é um facilitador muito atrativo para o ouvinte.

Um levantamento feito pela Associação Brasileira de Produtores de Discos (ABPD) constatou que, de janeiro a maio de 2015 a venda de músicas digitais superou a venda de discos físicos no Brasil. E este cenário só tende a transformar-se ainda mais com a entrada da publicidade nas empresas de *streaming*.

Mas, se por um lado o *download* e o *streaming* potencializam a distribuição da música e democratizam o acesso à cultura, por outro lado podem estar sendo vilões para a lucratividade dos artistas, isso porque essas grandes empresas de *streaming* repassam um valor relativamente baixo da quantia arrecadada para os artistas. Ou seja, na prática a lógica continua sendo a mesma da época das grandes gravadoras, só que o dinheiro está indo para outras empresas.

É neste novo contexto de consumo e produção de arte, mais especificamente da música, através da internet, que o documentário baseia suas discussões. Uma das questões discutidas, é o valor — e não só o preço — da música na era digital.

Apesar de não ser o único objetivo do artista, seu trabalho gera produtos, que podem ser comercializados, como qualquer outro tipo de mercadoria física. O artista gera a obra de arte e no âmbito de uma sociedade capitalista estas obras são encaradas como produtos, já que são passíveis de reprodução em massa.

Há muito tempo que as obras de arte são objetos reproduzíveis, mas a reprodução técnica consiste em um processo que vem ganhando proporções cada vez maiores em função dos avanços tecnológico e das possibilidades trazidas pela internet.

Esses problemas começaram a ser discutidos nos anos 1940, pelos teóricos da Escola de Frankfurt, especialmente por Theodor Adorno e Max Horkheimer no livro “Dialética do Esclarecimento”, onde os autores desenvolvem as bases para o conceito de “indústria cultural”, que consiste em uma crítica aos produtos culturais tratados como mercadorias pelas sociedades capitalistas. A cultura, para Adorno e Horkheimer, torna-se fetichizada ao ser produzida como mercadoria.

[...] o consumidor “gosta” de um determinado produto cultural não por causa de suas qualidades estéticas “intrínsecas”, mas precisamente porque ele é considerado sucesso, esquecendo-se, tal como ocorre no processo mais amplo de fetichização da mercadoria, que ele próprio contribuiu para fabricar esse sucesso, ao pagar por aquele produto. (SILVA, 2000, p. 70-71)

O problema das ideias desenvolvidas por Adorno e Horkheimer consiste em acreditar que essa padronização dos objetos culturais acaba alimentando certo conformismo nas pessoas, que passam a consumir a arte de forma passiva e alienada. Ou seja, desconsideram a autonomia das pessoas de optarem por consumir ou não determinados produtos culturais. Além disso, o conceito de “indústria cultural” tem sido criticado porque ao julgar que a cultura, sendo replicada para as massas, pode ser nefasta, estes autores acabam supervalorizando as culturas elitistas, ou as “grandes” artes.

Sua crítica cultural tem sido questionada também por descartar de forma radical como “ilegítimo” e alienante qualquer prazer proporcionado pelos produtos da indústria cultural. Numa frase significativa, Adorno e Horkheimer afirmam, em Dialética do esclarecimento, que “divertir-se significa estar de acordo”. (SILVA, 2000, p. 71)

Encontramos um contraponto ao conceito de “indústria Cultural” de Adorno e Horkheimer nas ideias desenvolvidas por Walter Benjamin em seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, em que reflete sobre o que ocorre com as artes em geral após as possibilidades de reprodutibilidade:

[...] *com a reprodutibilidade técnica, a obra de arte se emancipa, pela primeira vez na história, de sua existência parasitária, destacando-se do ritual.* A obra de arte reproduzida é cada vez mais a reprodução de uma obra de arte criada para ser reproduzida [...] (BENJAMIN, 1994, p. 171, grifo do autor)

Pode-se observar que Benjamin é bastante otimista quanto a reprodutibilidade da obra de arte. Mais adiante ele irá enfatizar suas potencialidades afirmando que “*A arte contemporânea será tanto mais eficaz quanto mais se orientar em função da reprodutibilidade e, portanto, quanto menos colocar em seu centro a obra original.* [...]” (BENJAMIN, 1994, p. 180, grifo do autor). O que está em jogo, para o autor é o fato de que a obra produz certa autonomia nas massas, como podemos observar no trecho “*As massas têm o direito de exigir a mudança das relações de propriedade; o fascismo permite que elas se expressem, conservando, ao mesmo tempo, essas relações*” (BENJAMIN, 1994, p. 195, grifo do autor). Para Benjamin, portanto, a reprodutibilidade da obra de arte tinha um valor político para as massas.

A grande diferença entre os filósofos críticos da escola de Frankfurt, e teorias mais recentes, como o pós-estruturalismo, é o modo como encaram o caráter de produto da arte: enquanto os frankfurtianos estudavam o tema com um terrível pessimismo; os pós-modernos partem

deste valor de mercadoria e procuram entender quais são as possibilidades da arte frente a isto.

Zygmunt Bauman, filósofo que encara a pós-modernidade como “líquida” e “móvel”, analisa conceitos de Foucault e Boulez (1983) para entender quais são os problemas de julgar a “qualidade” de alguma arte. Bauman salienta que o movimento político está cada vez mais raro na música, já que a pós-modernidade, para ele, é bastante individualista.

Boulez admitiu que de fato a reticência atual em tomar uma posição, a aceitação incondicional do pluralismo e certa generosidade liberal que caracterizam nosso tempo criam uma situação em que “tudo é bom, nada é ruim, não há quaisquer valores, mas todos são felizes”. E assim, disse ele, “esse discurso, tão liberalizante quanto pode querer ser, reforça, ao contrário, os guetos, consola a consciência das pessoas por estar num gueto, especialmente se de quando em quando elas excursionam nos guetos das outras”. A intolerância pode matar, mas a tolerância, mesmo se reconhecidamente menos cruel, isola: uma espécie de música da outra, um artista do outro, a música e o artista de sua plateia. (BAUMAN, 1997, p.131)

A crítica à falta de engajamento político nas letras destes novos artistas tem sido constante. Reclama-se do vazio que elas adotam — poética, harmônica e esteticamente. Compara-se a nova estética aos cânones do passado, defensores da arte pela arte, para desmerecer a nova arte. É tentando analisar isto, que Bauman explica por que é impossível haver qualquer vanguarda em nosso tempo.

O conceito de vanguarda transmite a ideia de um espaço e tempo essencialmente ordenado, e de um essencial interajustamento das duas ordens. Num mundo em que se

pode falar de *avant-garde*, “para frente” e “para trás” têm, simultaneamente, dimensões espaciais e temporais. Por esse motivo, não faz muito sentido falar de vanguarda no mundo pós-moderno. Certamente, o mundo pós-moderno é qualquer coisa menos imóvel — tudo, nesse mundo, está em movimento. Mas os movimentos parecem aleatórios, dispersos e destituídos de direção bem delineada (primeiramente, e antes de tudo, uma direção cumulativa). É difícil, talvez impossível, julgar sua natureza “avançada” ou “retrógrada”, uma vez que o interajustamento entre as dimensões espacial e temporal do passado quase se desintegrou, enquanto os próprios espaço e tempo exibem repetidamente a ausência de uma estrutura diferenciada ordeira e intrinsecamente. (BAUMAN, 1997, p.121)

Com o surgimento da modernidade, da liquidez e do “hiperindividualismo” (BAUMAN, 1997) teriam as tribos se dissolvido? Como se organizam estruturalmente os grupos ou os movimentos artísticos na pós-modernidade? Estas são algumas das questões abordadas no documentário.

2 JUSTIFICATIVAS

2.1 Justificativa da escolha da temática

O jornalismo, como ofício e prática, deve ser o primeiro a voltar seus olhos às transformações pelas quais nossa sociedade passa. E a cultura é aspecto fundamental em qualquer sociedade de qualquer tempo. Entender como a forma de produzir e consumir música está se remodelando em torno de novas plataforma e assim transformando todo um mercado e um nicho artístico é, portanto, uma pauta relevante.

Durante a minha trajetória acadêmica sempre procurei pesquisar e estudar a música por ser um tema de meu interesse. As transformações que estão ocorrendo na música brasileira, por conta da internet e as possibilidades que ela cria, sempre foram motivo de inquietação para mim. Particularmente, como compositora, tive uma experiência muito próxima desta realidade: no ano passado publiquei uma música de autoria própria na plataforma *SoundCloud*, que teve certa repercussão na internet.² Investigar como se organiza este universo musical na internet, portanto, tem sido um dos principais objetos de pesquisa pessoal.

Além do interesse específico pela música, sempre me identifiquei com outras áreas da cultura e por isso gostaria de seguir trabalhando como jornalista nesta editoria. Estar próxima de temas como

² A música atingiu mais de 100 mil reproduções no SoundCloud, e além disso portais como UOL e G1 noticiaram a repercussão da música.

este e observar os caminhos que a música brasileira vem tomando é, portanto, de grande interesse para mim.

As transformações que vêm ocorrendo na forma de se fazer e distribuir música são de caráter bastante revolucionário e acredito que tentar explicitar o que vem ocorrendo, através de entrevistas com artistas que estão vivendo este momento de efervescência seja muito importante.

Acredito que a Universidade deve manter seus olhos voltados para as revoluções que a cultura brasileira vem sofrendo pois elas são nada menos do que a própria história da arte acontecendo em tempo real.

2.2 Justificativa da escolha do formato

O formato de vídeo-documentário me permitiu tratar do tema com certo distanciamento crítico e, ao mesmo tempo, com muita proximidade do universo da música, já que a história é contada através de seus personagens. Além disto, um documentário, diferentemente de uma grande reportagem em vídeo, me permite criar um roteiro mais complexo, guiado pelo conceito da jornada do herói³.

Um documentário, entretanto, também tem questões éticas a serem discutidas, assim como no jornalismo, porque, como afirma Bill Nichols em seu livro “Introdução ao documentário”,

[...] os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante

³ O monomito ou a jornada do herói é um conceito de jornada cíclica, presente em mitos, de acordo com o antropólogo Joseph Campbell. Como conceito de narratologia, o termo aparece pela primeira vez em 1949, no livro de Campbell, *The Hero with a Thousand Faces*.

de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre documentário e o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social. (NICHOLS, 2005, p. 27).

Ainda segundo Nichols, é preciso ter atenção aos retratados. Quando nós contamos a vida de alguém – sua experiência e trajetória – estamos interferindo diretamente no rumo que esta vida pode tomar. As proporções disso dependem do alcance que a obra final possa ter, mas, independentemente disto, é sempre necessário um cuidado muito grande com as fontes, já que estamos tomando delas suas histórias de vida.

O que fazer com as pessoas? Formulada de outra maneira a pergunta é “que responsabilidade têm os cineastas pelos efeitos de seus atos na vida daqueles que são filmados?”. A maioria de nós acha que um convite para atuar num filme é uma oportunidade desejável, e mesmo indesejável. E se o convite não for para atuarmos num filme, mas para estarmos no filme, para sermos nós mesmos o filme? O que outros pensarão de nós? Como nos julgarão? Que aspectos de nossa vida podem ser revelados e que não previmos? Que pressões, sutilmente indicadas ou abertamente declaradas, entram em jogo para modificar nossa conduta e com que consequências? [...] Elas [estas perguntas] fazem recair uma parcela de responsabilidade diferente sobre os cineastas que pretendem representar outros em vez de retratar personagens inventados por eles mesmos. Essas questões adicionam ao documentário um nível de reflexão ética que é bem menos importante no cinema de ficção. (NICHOLS, 2005, p. 32).

No prefácio de “Espelho Partido”, obra de Silvio Da-Rin, João Moreira Salles alerta aos aspirantes a documentarista que a questão social deve ser motivo de preocupação em qualquer documentário.

Representar, e ter consciência de que se está representando é parte fundamental do diretor/documentarista.

Os documentaristas que Da-Rin mais admira são aqueles que tentam não esconder nada dos espectadores, sobretudo o fato de eles estarem assistindo um filme — a uma construção da realidade, portanto. O resultado dessa prática é que “a representação da realidade passa a ser contestada pela realidade da representação”. São os filmes que se narram, que contam a história da sua própria construção, e com isso desvendam seus mistérios. Documentaristas assim se espalham por vários grupos, cada qual defendendo à sua maneira e com razões próprias a adesão ao antiilusionismo. [...] Essa vertente, digamos assim, narrativa do documentário foi sem dúvida importante. Ajudou no desmanche dos modos mais clássicos do documentário, sobretudo o do cinema inglês, com sua arrogância pedagógica que ainda hoje é a herança malsã do gênero. (SALLES, 2004, p. 11).

Em outro trecho do prefácio, ainda falando da obra de Da-Rin, Moreira Salles comenta:

Decerto é preciso desconfiar das grandes conclusões, dos filmes que pretendem dizer tudo, definitivamente, e não suportam a ambiguidade, mas para quem escapa destas fantasias de totalidade [...] existe um caminho extraordinário a ser percorrido. Nele, o documentarista renuncia a dissertar sobre muitas coisas para conhecer melhor umas poucas, confiante de que pode, e deve falar não só do filme, mas também do mundo. (SALLES, 2004, p. 11-12).

Esta visão pode confrontar com alguns conceitos conservadores do jornalismo como prática, mas acredito, pessoalmente, que a ideia de declarar uma verdade universal dos fatos e tentar traduzir essa realidade absoluta em vídeo, texto ou em qualquer outro suporte é uma missão, se

não impossível, bem difícil de ser alcançada. Não acredito no jornalismo imparcial, mas sim no jornalismo isento e justo. Esta é uma ideia que, penso eu, deve estar presente na mente do documentarista desde a cobertura de uma tragédia até a análise do universo cultural.

É verdade que em um documentário cabe apenas parte de uma verdade. Um recorte dos fatos, uma angulação dentro de um contexto maior. Mas também é verdade que deste modo ficará mais fácil para o telespectador entender estes contextos, ter uma perspectiva futura acerca destas transformações e até mesmo tomar partido no debate crítico. Toda pauta que se amplia demais em abrangência, perde profundidade e contexto.

Fundamental para o filme não foi discutir se o uso da internet, com todas as suas ferramentas e possibilidades, prejudica ou contribui com a música. Fundamental foi demonstrar, em face de tudo que a internet possibilita, artisticamente falando, para onde caminha a música brasileira.

3 PROCESSO DE PRODUÇÃO

3.1 Pesquisa e pré-produção

A pré-apuração foi realizada no último semestre de 2015 (2015.2), enquanto cursava a disciplina de Técnicas de Projeto em Comunicação.

Como eu já tinha alguma ideia do que seria meu projeto desde a metade do curso, sempre procurei acompanhar notícias e reportagens que analisassem o panorama da distribuição de música na internet, o crescimento de serviços de *streaming* e tudo que estivesse relacionado ao tema. Encontrar uma bibliografia mais aprofundada, entretanto, foi uma tarefa mais árdua. Pelo que pude observar há uma gama de trabalhos acadêmicos refletindo sobre a internet e seus impactos na sociedade contemporânea, mas pouco discutem a disseminação da cultura através da rede.

Diante da dificuldade de encontrar estudos acadêmicos sobre o tema, baseei-me então em alguns estudos do sociólogo Zygmunt Bauman, que estuda as relações humanas e o contexto cultural no que ele chama de “modernidade líquida”. Isto me ajudou a entender que não posso pensar os movimentos culturais e as relações de público-artista na internet com a mesma lógica de quem observa o mundo analógico anterior à virada do século.

Para elaborar um roteiro de perguntas que abordasse satisfatoriamente a temática escolhida, procurei levar em consideração a bibliografia pesquisada, o meu conhecimento sobre o tema e também

aspectos relevantes do trabalho de alguns artistas que eu já vinha acompanhando há algum tempo.

Naturalmente, para mim, as fontes mais importantes sempre foram os artistas, que acabaram tornando-se as únicas fontes entrevistadas em vídeo. Acredito que isto contribuiu muito para a construção da narrativa, já que a história é contada unicamente por quem a viveu.

Um dos maiores desafios da pré-produção foi justamente encontrar artistas que tivessem visibilidade a partir de sua trajetória com trabalho autoral na internet e estivessem dispostos a conceder entrevista.

Por indisposição ou falta de tempo na agenda dos artistas, tivemos que abrir mão de algumas fontes selecionadas a princípio e ir adaptando o planejamento das gravações à disponibilidade dos entrevistados. Por sorte, alguns artistas com vivências interessantes e conhecimento do tema fizeram alguns shows em Florianópolis no mês de abril, e eu pude, então, aproveitar a oportunidade para entrevistá-los.

3.2 Fontes

Escolher as fontes foi uma das etapas mais problemáticas do projeto, já que no Brasil ainda existem poucas referências de sucesso quando falamos de música autoral na internet.

A princípio, tinha pensado em entrevistar Mallu Magalhães, por ser pioneira neste ramo. Mallu já compartilhava suas músicas no MySpace quando o conceito e o uso de redes sociais ainda era muito incipiente. Por esta razão, toda sua carreira se deu no contexto das novas mídias, angariando uma verdadeira legião de fãs na web.

Outro caso notável, porém mais recente, foi o de Cícero, compositor paulista que gravou um disco em sua própria casa ao qual chamou de “Canções de Apartamento”. Desde então ele lançou mais dois discos, e todos ainda se encontram disponíveis para *download* gratuito em seu site e para audição no *YouTube* e no *Spotify* – os dois maiores serviços de *streaming* em atividade.

A princípio estas duas fontes serviam muito bem para ilustrar meu objeto de pesquisa. Os dois, entretanto, têm as carreiras administradas por uma mesma produtora de São Paulo: a Perfexx. Desde o início da fase de pré-produção, todos os artistas associados à esta produtora que tentei contatar, que eram associados à esta produtora foram blindados e acabaram negando a entrevista.

Além disto haviam razões pessoais, como no caso da Mallu Magalhães que teve um filho neste período e por isso suspendeu toda sua agenda de shows e entrevistas.

Com o prazo apertado e sem esperança de reverter a situação, parti então para outros artistas brasileiros que tivessem vivências parecidas.

Abaixo trago um breve currículo dos artistas entrevistados.

A Banda Mais Bonita da Cidade: Fundada em 2009, em 2011 se tornou mundialmente conhecida após publicar no *YouTube* o vídeo 'Oração' e gravar seu álbum de estreia. Atualmente os músicos viajam na turnê do segundo disco (O Mais Feliz da Vida) e preparam o lançamento de seu primeiro DVD. Membros: Uyara Torrente (voz), Thiago Ramalho (guitarra), Vinícius Nisi (teclado), Marano (baixo) Luís Bourscheidt

(bateria). Disponível gratuitamente em: *Deezer*, *Spotify*, *YouTube*, *KBoing*, site pessoal.

Thiago Pethit: Paulistano de 26 anos, tem formação como ator e se aproximou da música quando estudava literatura. Morou em Buenos Aires, na Argentina, onde estudou canto e composição lançou em março de 2010 seu primeiro disco, 'Berlim, Texas'. Suas 11 canções autorais foram gravadas e produzidas por Yury Kalil durante a primavera de 2009, no Totem Estúdio, em São Paulo. O projeto teve direção artística do jornalista multimídia Jackson Araújo. Lançou, em 2008, o EP 'Em Outro Lugar'. Disponível gratuitamente em: *SoundCloud*, *Spotify*, *YouTube*, *Deezer*, site pessoal.

Apanhador Só: Banda de rock alternativo e experimental, fundada em 2003 no Rio Grande do Sul. Arrecadaram verba para gravar seus discos através de financiamento coletivo na plataforma Catarse. Integrantes fixos: Alexandre Kumpinski (voz e guitarra), Felipe Zancanaro (guitarra), Fernão Agra (baixo). Disponível gratuitamente em: *Spotify*, *YouTube*, *Deezer*, site pessoal.

Rubel: Cantor carioca que gravou seu disco em casa, durante um intercâmbio nos Estados Unidos de maneira totalmente amadora. Disponível gratuitamente em: *Spotify*, *YouTube*, site pessoal.

3.3 Gravações

O período de gravações foi bem exaustivo. Isto porque a maioria das entrevistas foi gravada no mesmo mês (abril). No

planejamento inicial, a ideia era fazer as gravações mais espaçadas, com tempo para organizar as viagens – já que os entrevistados estavam espalhados pelo sul e sudeste – e para fazer a decupagem logo após a entrevista.

Entretanto tive que me adaptar às circunstâncias. Na gravação da entrevista de Curitiba, com A Banda Mais Bonita da Cidade, contei com a ajuda de dois amigos que moram na cidade, bem como o empréstimo de equipamento dos dois.

O restante das entrevistas, com Thiago Pethit, Apanhador Só e Rubel, em ordem cronológica, aconteceram todas em Florianópolis, no mês de abril.

Os únicos equipamentos com os quais pude contar durante toda a gravação eram os que me pertenciam: uma câmera Nikon D7100 com uma lente 18-105mm, um microfone direcional *shotgun* Yoga Ht-81 e dois tripés.

Fora isto, consegui emprestados equipamentos de colegas e amigos e uma câmera do laboratório de fotografia que acabou não sendo utilizada por não estar em boas condições e não filmar em full HD, o que ocasionaria uma disparidade entre as imagens.

A equipe de auxílio de filmagem também foi montada caso a caso. Dependendo dos dias e do local de gravação, as colegas que podiam se disponibilizaram para me ajudar com a segunda câmera.

Durante as entrevistas, procurei manter sempre o mesmo roteiro de perguntas, com pequenas alterações de acordo com a trajetória do artista, para que pudesse captar diferentes opiniões e vivências acerca dos mesmos temas. Isto veio a facilitar a montagem da linha narrativa, nas fases iniciais da edição.

Tive problemas com a qualidade das imagens já que não estava utilizando o equipamento mais adequado e metade das entrevistas foi gravada à noite, em ambientes mal iluminados.

Minha preocupação com o áudio, entretanto, se mostrou produtiva, já que o microfone direcional eliminou o incomodo de trabalhar com o microfone de lapela e foi capaz de captar um áudio mais limpo, sem ruídos.

Essa preocupação se deu principalmente pelo motivo de que seriam captadas imagens de apresentações musicais com instrumentos, além da voz.

3.4 Montagem e edição

Na linha narrativa em que baseamos a montagem do documentário, procuramos usar a trajetória dos artistas e suas experiências como guias da discussão. Montamos uma sequência que, apesar de não se dividir em blocos, obedece a uma estrutura segmentada por subtemas dentro da pauta. A abertura é dedicada a apresentar as fontes que aparecem no documentário e contar uma parte da experiência que estes artistas tiveram na internet, legitimando sua fala.

Nestas primeiras falas já se pode compreender como e porque a internet abriu inúmeras possibilidades aos músicos e reforçou o cenário independente da música no Brasil. Entramos então na discussão de porque o mercado tradicional da indústria fonográfica entrou em decadência após o surgimento das novas plataformas. Junto a isso, discutimos também como essas novas possibilidades influenciam nas

transformações estéticas pelas quais a música brasileira passa atualmente. Percebemos então, que ambas as coisas estão relacionadas.

Na última parte do documentário, as falas abrem a discussão para a questão do ativismo político na internet e o papel do artista nisso. Brevemente, retornamos à antiga discussão arte política *versus* arte pela arte.

O filme termina com proposições abertas sobre o que seria o futuro da venda e consumo de música na internet. Questões como, por exemplo, como tornar a música rentável, como funcionará o mercado e o que os artistas pensam deste futuro.

4 RECURSOS

Câmera Nikon D7100	R\$ 5.000,00
Objetiva 18/105 mm	R\$ 1.280,00
Microfone direcional <i>shotgun</i> Yoga HT81	R\$ 300,00
Tripé	R\$ 120,00
Notebook Sony Vaio	R\$ 2.500,00
HD externo Samsung	R\$ 350,00
Cartões de memória (2 un.)	R\$ 65,00
DVD com capa (5 un.)	R\$ 50,00
Impressão do relatório (4 cópias)	R\$ 60,00
Passagem ônibus Curitiba	R\$ 125,00
Passagens aéreas para Florianópolis (2 un.)	R\$ 550,00
TOTAL	R\$10.400,00

Observação: Alguns equipamentos já tinham sido adquiridos antes do projeto.

5 PLATAFORMA DE DIVULGAÇÃO

Depois de feitas as alterações sugeridas pela banca e finalizado, pretendo disponibilizar meu documentário gratuitamente no *YouTube*. Isto porque, além de ser uma escolha inclusiva que difunde informação e conhecimento produzido na universidade pública, é nada mais que pôr em prática aspectos positivos que observei em minha pesquisa.

6 DIFICULDADES E APRENDIZADOS

Dentre as principais dificuldades encontradas ao longo do trabalho está a limitação de equipamentos. Contando apenas com equipamento próprio e empréstimo de colegas, as imagens variaram muito de uma entrevista para outra. Na fase de edição, por exemplo, tive muito trabalho para padronizar as imagens, já que cada entrevista ficou com uma cor de tela diferente.

Outra dificuldade foi em relação às fontes. Como relatei acima, o contato inicial e agendamento das entrevistas foi difícil com alguns entrevistados escolhidos já que se tratavam de pessoas públicas, com agendas cheias. Alguns foram relutantes quando souberam que se tratava de um trabalho acadêmico e que o retorno de divulgação não seria significativo.

A falta de uma equipe de produção consolidada também foi sentida, já que é difícil desempenhar sozinha, ou somente com ajudas eventuais, todas as funções necessárias para a realização dos processos de pré-produção, gravações, entrevista, montagem e edição.

Percebi também que os conhecimentos de manuseio de *softwares* ou mesmo de equipamento são muito incipientes no curso ou então caem em desuso ao longo da graduação, já que há atualizações constantes nas versões dos mesmos.

Aprendi, entretanto, que, com um pouco de boa vontade e desprendimento, sempre é possível encontrar saídas para que o bom jornalismo prevaleça, apesar das dificuldades.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 2005.
- DA-RIN, Silvio. **Espelho Partido**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.
- GOMES, Carolina; FRANÇA, Rosiane; BARROS, Taís; RIOS, RIVERSON. *Spotify: streaming e as novas formas de consumo na era digita*. In: **Anais do XVII Intercom-Nordeste**. Natal. 2015.
- LEÃO, João; NAKANO, Davi. O impacto da tecnologia na cadeia da música: novas oportunidades para o setor independente. In: PERPETUO, Franco I.; SILVEIRA, Sérgio A. Da (org.). **O futuro da música depois da morte do CD**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas, SP: Papyrus, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Teoria cultural e educação — um vocabulário crítico**. Belo Horizonte : Autêntica, 2000.

ANEXO – ROTEIRO

VÍDEO

ÁUDIO

<p>ABERTURA IMAGENS DO SÍTIO DE CURITIBA</p>	<p>ÁUDIO UYARA E TIAGO CANTANDO A MÚSICA "A PÉ", SOM AMBIENTE DO SÍTIO</p>
<p>UYARA E VINÍCIUS SENTADOS NO CHÃO DA VARANDA. CACHORRO NO COLO DO VINÍCIUS.</p>	<p>UYARA TORRENTE "ENTÃO, QUANDO A GENTE COMEÇOU EM 2009 TINHA POUCAS PRETENSÕES DE EXISTIR ENQUANTO UMA BANDA PARANAENSE... MAS A GENTE TINHA O DESEJO DE REGISTRAR AS COISAS[...]</p> <p>[...] A GENTE GRAVOU ISSO... VAI FAZER AGORA 5 ANOS. FOI NO DIA 6 DE FEVEREIRO UAU! RISOS A GENTE NÃO IMAGINOU A REPERCUSSÃO QUE ISSO IA DAR A GENTE FEZ UMA COISA E FOI MUITO ESPECIAL.. A GENTE FICOU MUITO TEMPO AINDA ECOANDO AQUILO ENTRE A GENTE E FICOU MANDANDO EMAILS AMOROSOS E DIZENDO "AI, VAMO SE ENCONTRAR PRA FESTEJAR O</p>

<p>THIAGO PETHIT CANTA E DANÇA NO PALCO DO CÉLULA SHOWCASE SEGURANDO UM ALTO FALANTE</p> <p>NOITE. PETHIT SENTADO NA VARANDA DA CASA DE SHOWS, APOIADO NUMA MESINHA DE BAR</p>	<p>QUE A GENTE VIVEU ASSIM” [...] [...] E AÍ QUANDO A GENTE POSTOU TEVE ESSA REPERCUSSÃO ASSIM.. E AÍ É UM OUTRO CAPÍTULO RISOS.”</p> <p>MÚSICA HONEY BI, EXECUTADA POR PETHIT E SUA BANDA</p> <p>THIAGO PETHIT “TUDO COMEÇOU UM POUCO PELO MYSPACE NA VERDADE QUE ERA A PRIMEIRA FERRAMENTA DE EXPERI.. DE ESPERIENCIA DE TROCA EM REDE SOCIAL VOLTADA PRA MÚSICA. ENTÃO ERA UM POUCO BOTANDO AS COISAS NO MYSPACE ME RELACIONANDO COM AS PESSOAS. E O MEU MAIOR BARATO COM MÚSICA DO MYSPACE É QUE EU NÃO</p>
--	---

<p>RUBEL E BANDA NO PALCO DO TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO</p> <p>CORTA PARA RUBEL EM</p>	<p>PRECISAVA TRAZER AS PESSOAS ALI EU CHEGAVA NELAS EU PODIA FALAR COM MUITA GENTE E A MINHA MENSAGEM CHEGAVA A MUITA GENTE COM POUQUISSIMO ESFORÇO PORQUE NÃO PRECISAVA DA PRESENÇA FÍSICA. ISSO FOI UMA COISA QUE REALMENTE CHACOALHOU MINHA CABEÇA. EU GOSTO DE REDE SOCIAL ASSIM. EU GOSTO.. POR EXEMPLO EU CUIDE DO MEU FACEBOOK DA MINHA PAGINA DE ARTISTA NÃO TEM NINGUÉM QUE ESCREVA POR MIM JAMAIS DEIXARIA QUE ALGUÉM ESCREVESSE... E O BARATO DISSO É JUSTAMENTE ESTAR EM CONTATO COM AS PESSOAS”</p> <p>MÚSICA QUANDO BATE AQUELA SAUDADE EXECUTADA POR RUBEL E BANDA</p> <p>RUBEL “EU TAVA NOS ESTADOS UNIDOS FAZENDO</p>
---	--

APARTAMENTO DA
BEIRA-MAR

INTERCAMBIO EM CINEMA LÁ
E EU FUI MORAR NESSA CASA
QUE TINHA UMAS 120
PESSOAS E MAIS OU MENOS
30 MÚSICOS E A GENTE
PASSOU 3 MESES TOCANDO
TODOS OS DIAS
DESPRETERENCIOSAMENTE ERA
UM ENCONTRO NATURAL
PORQUE A GENTE MORAVA NO
MESMO LUGAR. E EU ACABEI
ESCREVENDO ALGUMAS
MÚSICAS LÁ [...]

[...] EU NÃO TINHA NENHUM
A EXPERIENCIA COM
GRAVAÇÃO EU NÃO TINHA
BANDA HÁ UNS CINCO ANOS
EU NÃO TINHA DINHEIRO PRA
IR PRA ESTÚDIO.. EU SO
TINH AS MÚSICAS...ENTÃO
EU FUI PRA UMA LOJA DE
ALUGUEL DE EQUIPAMENTO...
ESTUDEI UMA SEMANA, SEI
LÁ, E MONTEI UM
MINIESTUDIO IMPROVISAO NA
SALA DE BIBLIOTECA DA
CASA ONDE A GENTE MORAVA,
QUE TINHA UMA ACÚSTICA
BOA, E É ISSO.. FIQUEI
ESTUDANDO PROCURANDO
TUTORIAL NA INTERNET. EU
MESMO GRAVEI TUDO.. FUI
ENGENHEIRO DE SOM E

<p>CORTA PARA APANHADOR SÓ TOCANDO NA SALA DA REPÚBLICA DA CARVOEIRA</p> <p>CORTA PARA ALEXANDRE E FERNÃO SENTADOS NA SALA EM FRENTE AOS INSTRUMENTOS</p>	<p>PRODUTOR E</p> <p>MÚSICA VITTA, IAN, CASSALES EXECUTADA PELA BANDA APANHADOR SÓ</p> <p>ALEXANDRE KUPINSKY "A GENTE FEZ DOIS FINANCIAMENTOS COLETIVOS NÉ.. O PRIMEIRO FOI PRA GRAVAR NOSSO DISCO [...]</p> <p>[...] A GENTE SEMPRE QUIS FAZER O FINANCIAMENTO COLETIVO MAS QUERIA TER ALGUMA COISA IMPORTANTE.. NÃO CALMA, NÓS VAMOS FAZER MAS TAMO ESPERANDO... NOSSAS PRETENSÕES COMO BANDA INDEPENDENTE DE QUERER APROFUNDAR A INDEPENDÊNCIA"</p>
--	---

CORTA PARA
PETHIT NO
CÉLULA

"FAZ PARTE DA MINHA
GERAÇÃO JÁ TER CRESCIDO
COM UMA IDEIA DE QUE SE
BAIXA MÚSICA DE GRAÇA E
DE QUE SE ESCUTA MUSICA
DE GRAÇA. ENTÃO QUANDO EU
COMECEI A FAZER MUSICA EU
JÁ ERA UM OUVINTE QUE
TINHA ACESSO A MUSICA
DESSA FORMA. ENTÃO NÃO
TIVE QUE TOMAR UMA
DECISÃO PARECIA SÓ O
CAMINHO NATURAL PENSAR
QUE A QUANTO MAIS PESSOAS
CHEGASSE E MAIS FACIL
FOSSE MELHOR SERIA O
RESULTADO

CORTA PARA
RUBEL EM
FRENTE À
CHURRASQUEIRA

"PRA MIM A CONTA É BEM
SIMPLES: O QUE IMPORTA
NUM PRIMEIRO MOMENTO É
VOCÊ ATINGIR O PUBLICO
NÃO É VOCÊ GANHAR
DINHEIRO.VOCÊ VAI GANHAR
DINHEIRO DEPOIS DE MUITO
TEMPO SE VOCÊ TIVER UM
PÚBLICO CONSOLIDADO. MAS

<p>CORTA PARA VINI E UYARA NA VARANDA EM CURITIBA</p>	<p>PROS PRIMEIROS ANOS A ÚNICA COISA QUE IMPORTA É VOCÊ CHEGAR AS PESSOAS E A MELHOR MANEIRA DE CHEGAR NAS PESSOAS É DE GRAÇA. "</p> <p>VINI "EU ACHO QUE A GENTE NÃO TEM MUITAS OUTRAS EXPERIÊNCIAS A RESPEITO DISSO NOSSA GERAÇÃO. . "</p> <p>UYARA "A GENTE SÓ FEZ PRA ESSE PÚBLICO" VINI "JÁ FEZ PENSANDO NISSO NÉ PORQUE EU TENHO A IMPRESSÃO DE QUE ANTES DA INTERNET AS BANDAS DE GARAGEM TOCAVAM EM PEQUENOS LUGARES E ERA ISSO NÉ E SONHAVA EM SER CONTRATADO POR UMA GRANDE GRAVADORA E TUDO MAIS. E DAÍ COMO A INTERNET É COISA SIMPLEMENTE MUDOU DE FIGURA PORQUE VOCÊ NÃO PRECISA MAIS TOCAR NA GARAGEM UM SHOW PARA 30 PESSOAS VOCÊ PODE COLOCAR ISSO NA INTERNET PRODUZIDO DE OUTRA FORMA.</p>
---	---

CORTA PARA
PETHIT NA MESA
DA VARANDA

"É A IDEIA DE QUE EU
PODERIA FAZER UM TIPO DE
ARTE PRO MUNDO INTEIRO..
ENTÃO HOJE EM DIA QUANDO
EU PENSO EM MERCADO AH EU
FAÇO MÚSICA PRO MERCADO
NACIONAL ENTÃO EU SÓ
POSSO CANTAR EM PORTUGUÊS
OU SÓ POSSO FAZER MPB
PENSANDO NUMA RÁDIO...
NÃO EU PENSO DE UMA FORMA
COMPLETAMENTE UNIVERSAL
SOBRE ISSO ASSIM.. EU
PENSO QUE O QUE EU TO
FAZENDO VAI SER ESCUTADO
EM QUALQUER LUGAR DO
MUNDO POR QUALQUER
NACIONALIDADE EM QUALQUER
IDIOMA DIFERENTE DO MEU E
QUE É LEGAL QUE SEJA
ASSIM. O MEU MERCADO É O
MUNDO PORQUE É O MERCADO
DA INTERNET."

CORTA PARA
APANHADOR
TOCANDO NA
SALA

MÚSICA DA BANDA APANHADOR
SÓ. APLAUSOS

CORTA PARA
ALEXANDRE E
FERNÃO

FERNÃO "QUANDO SURTIU ERA
UMA EMPRESA QUE DETINHA
NÉ O CAPITAL FÍSICO E OS
EQUIPAMENTOS, OS CONTATOS
QUE PEGAVA MÚSICA E
FENÔMENOS ARTÍSTICOS E
CULTURAIS DO MUNDO E
REPRESENTAVAM ASSIM NÉ...
SÓ QUE COM O TEMPO EU
ACHO QUE ISSO FOI
EVOLUINDO EM RELAÇÃO
TAMBÉM EM RELAÇÃO À MÍDIA
E TAL PRA CRIAR MEIO QUE
UMA MÚSICA EXTREMAMENTE
COMERCIAL... COMO SE
ANTES TU PEGAVA UMA COISA
LEGAL E MOSTRAVA HOJE EM
DIA TU JÁ SABE MAIS OU
MENOS COMO TU QUER O
FENÔMENO ARTÍSTICO, O
PRODUTO ARTÍSTICO E CRIA
TUDO PRA SER DAQUELE
JEITO E JÁ TIPO TEM UMA
TV ALI QUE ESTÁ ENTRE
ASPAS MANCOMUNADA É COMO
SE FOSSE UM GRANDE
ESQUEMA ASSIM" ALEXANDRE
"UM ESQUEMA DE SUCESSO"
FERNÃO "UM ESQUEMA DE

<p>CORTA PARA BANDA MAIS BONITA</p>	<p>SUCESSO.. DE ARTE"</p> <p>VINICIUS "ENTÃO É JUSTAMENTE PORQUE VOCÊ TEM ESSA FORMA DE DIVULGAÇÃO QUE É MUITO MAIS EFICIENTE PELA INTERNET" UYARA "E É GRATUITA E É DEMOCRÁTICA" VINI "ENFIM POR VÁRIOS MOTIVOS MAS EU ACHO QUE A GRANDE COISA ASSIM CONTINUA ACONTECENDO A COISA NÃO MORRE ASSIM NÃO MORRE TÃO CEDO TIPO A COISA SÓ CRESCEU NÉ PORQUE CRESCER O NÚMERO DE BANDAS CRESCER O NÚMERO DE ACESSOS E DAÍ SURTIU ESSA OUTRA FORMA"</p>
<p>CORTA PARA RUBEL</p>	<p>"NEM A GRAVADORA SABE DIREITO QUAL É O PAPEL DELA AGORA.. A GENTE CHEGOU NUM PONTO EM QUE</p>

TUDO O QUE A GRAVADORA PODERIA FAZER O ARTISTA FAZ POR CONTA PRÓPRIA. A GENTE TÁ CHEGANDO NO MOMENTO EM QUE ISSO VAI FICAR MUITO ESCANCARADO.. AINDA NÃO É MAS ACHO QUE DAQUI A UM OU DOIS ANOS ISSO VAI FICAR. PORQUE O QUE QUE A GRAVADORA FAZIA? ELA GRAVAVA O DISCO, ELA DISTRIBUÍA O DISCO NAS LOJAS, ELA FAZIA JABÁ NA RÁDIO E ELA FECHAVA SHOW: VOCÊ PODE GRAVAR O DISCO EM CASA VOCÊ PODE DISTRIBUIR O DISCO NA INTERNET VOCÊ NÃO PRECISA DE RÁDIO PORQUE A INTERNET CIRCULA O MATERIAL POR CONTA PRÓPRIA E AS CASAS DE SHOW ESTÃO MUITO MAIS ABERTAS A PRODUTORAS INDEPENDENTES... ENTÃO ACABOU! MESMO.. EU NÃO CONSIGO REALMENTE VER NENHUMA RAZÃO PRA GRAVADORA EXISTIR DA FORMA QUE ELA EXISTE HOJE.

CORTA PARA

A GRAVADORA TINHA UM

<p>PETHIT NA MESA</p>	<p>PAPÉL MUITO IMPORTANTE NA COISA DE VOCÊ TER A GRANA PRA PAGAR UM DISCO... MAS COMO FAZER UM DISCO FICOU MUITO MAIS ACESSÍVEL, MUITO MAIS FÁCIL.. EU POR EXEMPLO NUNCA ASSINEI COM A GRAVADORA PORQUE EU SEMPRE ACHEI QUE A GRANA NÃO VALIA A PENA. A GRANA QUE A GRAVADORA ME OFERECE PRA GRAVAR UM DISCO É UMA GRANA ALTA MAS É UMA GRANA QUE EU POSSO CONSEGUIR SOZINHO SEM PRECISAR DEVER NADA A NINGUÉM SÓ A MIM MESMO... ENTÃO NÃO TEM MUITO... NÃO É UM GRANDE NEGÓCIO, SABE?</p>
<p>VOLTA PARA APANHADOR SÓ</p>	<p>A GENTE PEGOU MUITO A FASE DA ENTRADA DA INTERNET ENTÃO A GENTE TINHA OS NOSSOS.. SEI LÁ.. 20 ANOS E ANTES DISSO RIO GRANDE DO SUL ERA MUITO "AAH, O ROCK GAÚCHO!" AQUELA COISA E</p>

<p>VOLTA PARA RUBEL</p> <p>VOLTA PARA</p>	<p>TAL E O PÚBLICO MESMO TINHA DIFICULDADE DE ACEITAR COISAS MAIS ABRASILEIRADAS.. ERA ESSA A TRETA QUE TINHA LÁ.. 'AH, HIPPOGAGEM".. FALANDO HIPPOGAGEM PEJORATIVAMENTE. QUANDO VEM A INTERNET FULANO COMEÇA A ESCUTAR A MÚSICA DO MUNDO TODO ENTÃO ISSO CAIU RAPIDINHO"</p> <p>VOCÊ NÃO TEM UM PRODUTOR REPETINDO REPLICANDO UMA COISA QUE ELE APRENDEU DURANTE ANOS VOCÊ TEM PESSOAS QUE NÃO SABEM EXATAMENTE O QUE TÃO FAZENDO E TÃO BUSCANDO AQUILO INTUITIVAMENTE.. PELO MENOS EU TIVE FOI O MEU CASO E ACHO QUE FOI O CASO DO CÍCERO ENTÃO ESSE É O FRESCOR DO AMADORISMO QUE TEM SUA GRAÇA, TEM O SEU CHARME.</p> <p>VINI "EU ACHO QUE TEM DE</p>
---	---

<p>BANDA MAIS BONITA EM CURITIBA</p>	<p>TUDO NÃO ADIANTA VOCÊ FAZER ALGO QUE NÃO SEJA HONESTO QUE NÃO SEJA REAL TIPO VOCÊ PODE TER O CHICO CHICO BUARQUE FAZENDO UMA MÚSICA MAIS CALMA SEM VIÉS POLÍTICO, UMA PREOCUPAÇÃO POLÍTICA" UYARA "MAIS SINGELA" VINI "E VOCÊ TEM UM OUTRO CHICO BUARQUE VIVENDO COISAS, SENDO EXILADO, E FAZENDO COISAS MAIS POLITIZADAS, ENTENDEU? TEM A VER COM HONESTIDADE DA PESSOA.. SE ELE CONTINUAR FAZENDO MÚSICA POLÍTICA HOJE UM DIA SERIA UMA COISA MEIO RIDÍCULA PORQUE AQUILO NÃO FAZ MAIS PARTE DELE"</p>
<p>CORTA PARA RUBEL</p>	<p>"EXISTE UM MOVIMENTO NATURAL NA MÚSICA BRASILEIRA COM CERTEZA NESSE MOMENTO. ELE NÃO É POLÍTICO, AINDA.. ELE NÃO ACOMPANHA O QUE TÁ ACONTECENDO NA SOCIEDADE, PORQUE A NOSSA GERAÇÃO TA</p>

FERVENDO NAS RUAS EM
 VÁRIOS TEMAS SOCIASI QUE
 NUNCA TINHAM SIDO
 DISCUTIDOS NO PAÍS
 ANTES.. COMO O FEMINISMO,
 COMO O MACH.. COMO O
 RACISMO. EU ACHO QUE O
 HIP HOP FALA MUITO MAIS
 DIRETAMENTE DISSO, MAS
 ESSA NOVA GERAÇÃO DA MPB
 QUE É MAIS VOZ E VIOLÃO,
 QUE É MAIS DOCE, EU ACHO
 QUE AINDA FALA MUITO DE
 AMOR, É UMA COISA MAIS
 CÂNDIDA ASSIM. ELA SE
 CONSTITUI COMO UM
 MOVIMENTO POR TER VINDO
 DA INTERNET, POR TER TIDO
 UM PROCESSO DE GRAVAÇÃO E
 POR FALAR DE FORMA
 PARECIDA DESSES TEMAS..
 DE AFETO E... MAS AINDA
 NÃO CHEGOU NA POLÍTICA,
 EU ACHO QUE VAI CHEGAR.

VOLTA PARA
 APANHADOR NA
 SALA DE ESTAR

ALEXANDRE "A MÚSICA ELA É
 POLÍTICA POR SI SÓ E
 MESMO QUE TU ACHE QUE NÃO
 É.. TU ACHAR QUE NÃO É.."
 FERNÃO "JÁ É POLÍTICO"
 ALEXANDRE " E VEJA, EU
 ACHO QUE TODO MUNDO TEM A

<p>VOLTA PARA BANDA MAIS BONITA, VARANDA</p>	<p>GANHAR COM ISSO, NA VERDADE. OS MOVIMENTOS SOCIAIS TEREM AUTONOMIA, TEREM VOZ FINALMENTE ALI, FALAR POR SI SÓ.. É BOM PRA SOCIEDADE COMO UM TODO, É BOM PRA CULTURA E A GENTE FAZ PARTE DESSE PROCESSO TAMBÉM.. A NOSSA LUTA NÃO É TÃO CLARA ASSIM, NÉ, POLITICAMENTE.. MAS ELA TA EM CONSONÂNCIA ASSIM.. A LOGICA TODA QUE REGE ESSA MOVIMENTAÇÃO TODA ELA REGE A APANHADOR TA, BÉM.. TUDO DENTRO DO MESMO QUADRO"</p> <p>HOJE EM DIA UMA DAS COISAS QUE SÃO MAIS DISCUTIDAS É, POR EXEMPLO, O RACISMO.. E DAÍ VOCÊ PEGA OS ARTISTAS DE RAP FAZENDO COISAS INCRÍVEIS DENTRO DISSO, SENDO POLITIZADOS DENTRO DA HONESTIDADE DELES.. DO MESMO JEITO, A GENTE</p>
--	--

APOIA, SÓ QUE A GENTE NÃO TEM A VER COM ISSO, ENTENDEU? A GENTE NÃO VIVE O RACISMO.. NA VERDADE É CAPAZ DE A GENTE SER O OUTRO LADO NÉ.. DE A GENTE SER A OPRESSÃO. E DAÍ, CLARO, A GENTE TEM QUE APOIAR E TUDO MAIS, TEM QUE SE ENVOLVER E TUDO MAIS, MAS TIPO, NÃO ADIANTA A GENTE QUERER FALAR QUE VAI FAZER MUSICA ASSIM E ISSO VAI SER HONESTO”

UYARA “E EU ACHO QUE A GENTE SEMPRE TENTA SE COLOCAR POLITICAMENTE..A GENTE TEM UMA PÁGINA NO FACEBOOK E A GENTE ACHA SUPER IMPORTANTE SE POSICIONAR. E A GENTE JÁ LEVOU MUITO SOCO TAMBÉM POR SE MANIFESTAR EU JÁ LI COISAS HORRÍVEIS PELA BANDA SE POISCIONAR POLITICAMENTE ENTÃO ACHO QUE A GENTE CUMPRE ESSE PAPEL QUE É IMPORTANTE QUANDO VOCÊ TEM UM GRANDE NÚMERO DE SEGUIDORES.. MAS EU TAMBÉM ACHO QUE A GENTE TRATA DO SENSÍVEL E QUE O SENSÍVEL TAMBÉM É

<p>CORTA PARA PETHIT NA MESA</p>	<p>POLÍTICA.. PORQUE VOCÊ TRATAR A VISÃO DO SER HUMANO É TRATAR A VISÃO DELE DE MUNDO E VOCÊ TRATAR A VISÃO DELE DE MUNDO INFLUENCIA POLITICAMENTE EM TUDO"</p> <p>EU NÃO ACREDITO, NUNCA ACREDITEI, NÃO ACREDITO E NÃO GOSTO NA VERDADE DE DISCURSO ASSIM.. DISCURSO DO QUE EU DIGO É: OU VOCÊ É DO HIP HOP DO RAP E AQUILO FAZ SENTIDO, AQUILO FAZ PARTE DA NATUREZA DA MÚSICA OU ENTÃO... MAS EU ACREDITO NA FORÇA ESTÉTICA DAS COISAS QUE É MUITO DIFERENTE DA FORÇA DISCURSIVA DAS COISAS ENTÃO POR EXEMPLO EU ACREDITO NUMA REVOLUÇÃO COMO A TROPICÁLIA DIGAMOS ASSIM.. FALANDO DE UM MOMENTO PARECIDO COM QUE A GENTE VIVE HOJE EM DIA EM TERMOS POLÍTICOS TANTO SE FALA DE GOLPE E TUDO</p>
--------------------------------------	---

MAIS E QUE SE COBRA TANTO DOS ARTISTAS UMA POSIÇÃO POLÍTICA. SE A GENTE VOLTAR UM POUCO NA ÉPOCA DA DITADURA TINHAM ESSAS VERTENTES MUSICAIS E UMA DELAS ERA ESSA COISA DA MÚSICA DE PROTESTO QUE EU ACHO QUE ALI NAQUELE MOMENTO TINHA SUA RAZÃO DE SER NÃO É QUE AQUILO É INFERIOR EU NÃO GOSTO E EU NÃO ACREDITO COMO ARTISTA NÃO ACREDITO NO DISCURSO SIMPLEMENTE EU ACREDITO NO DISCURSO ESTÉTICO ENTÃO PRA MIM A TROPICÁLIA É ALGO QUE É MUITO MAIS REVOLUCIONÁRIO E QUE PODERIA SER UM DISCO DO CAETANO VELOSO EM QUE LETRA DA MÚSICA É NHMEM NHMEM EM EM EM EM... ISSO PRA MIM É MUITO MAIS REVOLUCIONÁRIO E MINDBLOWING DO QUE CAMINHANDO E CANTANDO E SEGUINDO A CANÇÃO, POR EXEMPLO"

<p>CORTA PARA PETHIT NO PALCO</p>	<p>MÚSICA ROMEO EXECUTADA POR PETHIT E BANDA</p>
<p>CORTA PARA APANHADOR NA SALA</p>	<p>FERNÃO "CARA EU ENFIM NÃO SEI DO QUE VAI SER NO FUTURO EU ACHO QUE A GENTE TEM QUE TRABALHAR PARA QUE HAJA UM MERCADO SUSTENTÁVEL E QUE PRA ISSO TEM QUE TER MEIOS MEIO DE INFRAESTRUTURA MEIO DE DIVULGAÇÃO AS PESSOAS TÊM QUE TER DINHEIRO PRA IR NUM SHOW E ESSE INGRESSO TEM QUE SER TEM QUE PAGAR O SHOW TEM QUE TER UMA PARTE PARA OS MÚSICOS PRODUÇÃO ENTÃO TUDO É UMA REDE DEPOIS DE MUITAS OUTRAS COISAS TAMBÉM" ALEXANDRE "ACHO DIFÍCIL PENSAR NO FUTURO COMO VAI SER ACHO QUE TUDO ISSO QUE VOCE ESTÁ FALANDO NA VERDADE É QUE É PRECISO ENCONTRAR MEIOS PARA QUE SEJA REALMENTE SUSTENTÁVEL SEM UM ARTISTA INDEPENDENTE NO BRASIL E NO MUNDO, PELO</p>

<p>CORTA PARA BANDA MAIS BONITA</p>	<p>MENOS NA AMÉRICA LATINA SEM QUE A GENTE PERCEBE..”</p> <p>EU ACHO QUE A GENTE TÁ NESSA COISA DE TRANSIÇÃO NÉ NA VERDADE DA IMPRESSÃO DE QUE SEMPRE UMA TRANSIÇÃO TIPO A COISA NUNCA SE ESTABILIZA NÉ SEI LÁ ERA DO CD DUROU QUANTO? DUROU 10 ANOS NEM ISSO SE PARA PRA PENSAR.. E ANTES TAMBÉM NÃO DUROU NADA.. E O VINIL DUROU MAIS DO QUE QUALQUER COISA MAS TAMBÉM O VINIL É UMA MÍDIA CARA E O STREAMING ACABA SENDO UMA COISA LEGAL NISSO TUDO DO PÚBLICO CONHECER OUTRAS COISAS ISSO É UMA COISA INCRÍVEL DE DISTRIBUIÇÃO MAS AO MESMO TEMPO NÃO REMUNERA TAO BEM OS ARTISTAS COMO NADA REMUNEROU É COMPLICADO FALAR É O FUTURO É O FUTURO PRA INDÚSTRIA.. OS CARAS JÁ TÃO GANHANDO</p>
---	--

<p>CORTA PARA RUBEL</p>	<p>DINHEIRO AS GRANDES GRAVADORAS JÁ TÃO GANHANDO DINHEIRO COM ISSO ENVOLVIDAS COM O STREAMING PORQUE NÃO TEM COMO FUGIR DISSO ENTENDEU? AS GRAVADORAS TENTARMA BARRAR O STREAMING E VIRAM QUE ERA BESTEIRA TIPO ASSIM VOCÊ TEM QUE SEGUIR O FLUXO E TEM QUE ENTENDER COMO GANHAR DINHEIRO COM ISSO E ISSO ELES FAZEM MUITO BEM.. NISSO ELES SÃO MUITO BONS</p> <p>O QUE ESSAS DISTRIBUIDORAS FAZEM É UM SERVIÇO DE MARKETING DIGITAL ISSO QUE ELAS DIZEM PELO MENOS SÓ QUE AINDA É MUITO ABSTRATO PORQUE NA VERDADE A GRANDE DIVULGAÇÃO HOJE EM DIA É O ARTISTA FALANDO COM O PUBLICO E ISSO NENHUMA GRAVADORA NENHUMA DISTRIBUIDORA VAI PODER FAZER NO BRASIL... ENTÃO VEJO POUCO ESSE MOVIMENTO TEM MUITA BANDA NOVA SEM</p>
-----------------------------	--

<p>CORTA PARA PETHIT NA MESA DA VARANDA</p>	<p>CONTRATO COM DISTRIBUIDORA E SELOS PORQUE É MUITO ABUSIVO E NÃO FAZ SENTIDO EU POSSO TÁ ERRADO PODE TER ALGUMA BRECHA NO MEU RACIOCINIO QUE EU AINDA NÃO SEI QUAL É MAS ACHO QUE O CAMINHO É ESSE A GENTE FAZ NOSSOS PRÓPRIOS SELOS E A GENTE DISTRIBUI MÚSICA...É ISSO O TRABALHO TÁ TODO NA MÃO DO ARTISTA, ELE TÁ FAZENDO TUDO.. E VENDA DE MÚSICA MAIS ESPECIFICAMENTE É O QUE EU TAVA TE FALANDO ANTES.. EU ACHO QUE VAO SURGIR OUTRAS PLATAFORMAS COMO O SPOTIFY QUE VAO FAZER UM REPASSE MAIOR PRO ARTISTA PORQUE O STREAMING, O SPOTIFY É UMUITO PERFEITO.. EU NÃO CONSIGO IMAGINAR NADA MELHOR QUE AQUILO EM TERMOS DE PLATAFORMA”</p> <p>”ESSAS COISAS TÃO MUDANDO MUITO RÁPIDO ASSIM, EU SINTO. O STREAMING ELE É</p>
---	---

O NOVO DOWNLOAD GRATUITO.. JÁ NÃO É O DOWNLOAD GRATUITO QUE INTERESSA, É O STREAMING É ONDE TÁ, QUAL PLATAFORMA? ELA PAGA DIREITO? ELA NÃO PAGA DIREITO? DE REPENTE A GENTE RETROCEDEU NO PROCESSO. VAI AVANÇAR? NÃO SEI.. TALVEZ AVANCE E SEJA UM PUTA BUSINESS, TALVEZ NÃO. É MUITO INCERTO.. A GENTE TÁ MUITO NO COMEÇO DO... E A MÚSICA TEM UMA COISA TAMBÉM DIFERENTE DAS OUTRAS ÁREAS ASSIM, A MÚSICA ELA TÁ SEMPRE NA FRENTE DO PROCESSO DE EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA. ELA TÁ NA FRENTE DO CINEMA, POR EXEMPLO. A MÚSICA ELA JÁ TA DISCUTINDO ESSA QUESTÃO DO DOWNLOAD E DO ACESSO AO PÚBLICO DESDE OS ANOS 90. A INDÚSTRIA MUSICAL JÁ MUDOU DESDE OS ANOS ANOS 90. O CINEMA TA VIVENDO ISSO AGORA COM NETFLIX..É.. PIRATARIA AGORA QUE ISSO VIROU UMA... COMO ENTÃO FAZER CINEMA NESSES TEMPOS ASSIM, NÉ? EU SINTO QUE A

<p>CORTA PARA APANHADOR NA SALA</p>	<p>MÚSICA ELA TÁ SEMPRE UM POUCO NA FRENTE NO AVANÇO TECNOLÓGICO. ISSO SIGNIFICA QUE A GENTE TAMBÉM TA SEMPRE NUM LUGAR.. A TECNOLOGIA MUDA MUITO RÁPIDO ENTÃO A GENTE TA SEMPRE NESSE LUGAR.. DO NÃO CONCRETO”</p> <p>ALEXANDRE “TALVEZ O QUE A GENTE TENHA NO FUTURO SEJA TIPOS DE FINANCIAMENTO ALTERNATIVOS QUE VÃO NO CAMINHO ASSIM DO FINANCIAMENTO COLETIVO RECORRENTE, QUE AÍ TU NÃO APOIA UM PROJETO, TU APOIA UM ARTISTA EM SI OU FUTURAS POSSIBILIDADES DE..ENCAIXAR AS PEÇAS, ÀS VEZES A SOLUÇÃO JÁ EXISTE SÓ FALTA A POSSIBILIDADE DE ENCAIXAR AS PEÇAS... NESSE CASO, O DINHEIRO FLUIR, SE ORGANIZAR DE UMA MANEIRA SUSTENTÁVEL ASSIM.. FINANCIAMENTO COLETIVO É ISSO: TÁ TUDO ALI E ERA SÓ ORGANIZAR,</p>
---	--

<p>RODA CRÉDITOS NA TELA</p>	<p>ERA SÓ TER UMA FERRAMENTA PRA ORGANIZAR. TALVEZ O FUTURO SEJA ESSE ASSIM.. NÃO MAIS VENDER DISCO, NEM VENDER MP3 E NEM DAQUI A POUCO O STREAMING OU SEJA LÁ O QUE FOR.. TALVEZ SEJA.. NÃO SEJA MAIS NEM SHOW MAS SEJAM OUTRAS VIAS... OU TUDO COMBINADO, RECOMBINADO NÃO SEI.." FERNÃO "MAS VOCÊ PENSOU AGORA HEIN?" RISOS</p> <p>RODA TRILHA APANHADOR AO VIVO NA SALA DE ESTAR</p>
----------------------------------	---

